



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

IERO CANDÉ

EXPANSÃO DE ISLÃO NA GUINÉ-BISSAU ENTRE 1860 A 1890, 1974 A 2010

SÃO FRANCISCO DE CONDE

2019

IERO CANDÉ

EXPANSÃO DE ISLÃO NA GUINÉ-BISSAU ENTRE 1860 A 1890, 1974 A 2010

Trabalho de conclusão de curso submetido à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) como parte de requisitos necessários para obtenção do grau de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof^o Dr^o Pedro Acosta Leyva.

SÃO FRANCISCO DE CONDE

2019

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	4
2	PROBLEMÁTICA	4
3	OBJETIVOS	5
3.1	OBJETIVO GERAL	5
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	5
4	JUSTIFICATIVA	5
5	HIPÓTESE	6
6	METODOLOGIA	7
7	REFERENCIAL TEÓRICO	8
7.1	CHEGADA DO ISLAMISMO NA GUINÉ-BISSAU E A SUA EXPANSÃO	12
7.2	OS PRIMEIROS POVOS ISLAMIZADOS NA GUINÉ-BISSAU	14
7.3	EXPANSÃO ISLÂMICA NO TERRITÓRIO GUINEENSE	17
8	OS PRINCIPAIS CORRENTES ISLAMICOS EXISTENTES NA GUINE-BISSAU	19
9	CRONOGRAMA	22
	REFERÊNCIAS	23

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa explicar a expansão da religião Islâmica na Guiné-Bissau. No entanto, a nossa investigação compreende a dimensão do próprio Islão na África, em particular na Guiné-Bissau.

Por conseguinte, podemos notar historicamente que a religião islâmica teve um dos seus primeiros passos no continente africano, no início do século VII, resultado de trocas comerciais dos árabes com os nativos africanos. Com efeito, a sua expansão na África é mais notada nas regiões Ocidental, Oriental e setentrional com propósito de islamizar povos africanos com bases ideológicas, cultural e política do Islão. Ilustrando isso, a nossa pesquisa assentará especificamente na expansão desta religião nos territórios que hoje compõem a República da Guiné-Bissau situados na região “Ocidental” ou Oeste africano.

Segundo o sociólogo guineense Koudawo (2001), “o Islão sempre teve uma expansão notória desde que se implementou na Guiné nos finais do século XIX e princípio do século XX. Ela também se beneficiou da abertura política verificada no início dos anos 1990” (KOUDAWO, 2001 *apud* CARDOSO, 2006, p. 9). Com base nesta análise, percebe-se que o Islão teve a sua expansão na Guiné-Bissau muito tardia em relação aos outros países do continente, mais a sua adesão se verifica numa escala mais alta do país em relação às outras religiões. Isto deveu-se, a forte campanha de islamização dos povos nativos.

Por outro lado a pesquisa buscará compreender como foram os processos de integração de certos povos da Guiné-Bissau na cultura islâmica por exemplo os Fulas, os Mandingas e os Biafadas. E ainda pretendemos analisar os principais correntes islâmicos existentes no país, e também, buscaremos compreender as influências das mesquitas e as escolas corânicas a partir dos processos de expansão de islão na Guiné-Bissau.

2 PROBLEMATICA

A expansão do Islão se observa na Guiné-Bissau, desde 1860 à 2010, resultando num alargamento bem maior e rápido de sua adesão. Neste sentido, as nossas inquietações partem de que maneira esta expansão está se dando na Guiné-Bissau, como podemos verificar os seguintes questionamentos:

- Quais são os factores que envolvem a expansão do islão e de que maneira a própria religião é vista na Guiné-Bissau?

- Quais transformações podem ser verificadas na contemporaneidade?

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

- ❖ Analisar de que maneira a expansão Islâmica se constituiu na Guiné-Bissau e as suas implicações na sociedade guineense.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Explicar o processo de integração do islamismo na sociedade guineense a partir das escolas corânicas;
- Descrever qual a importância das mesquitas no decorrer do seu procedimento expansionista;
- Analisar as influências das organizações não governamentais no processo da expansão islâmica.

4 JUSTIFICATIVA

A evolução do islão na Guiné-Bissau nos leva a questionar de que forma este processo se configurou no país. Vale salientar que as nossas indagações partem duma perspectiva de que maneira sociedade guineense observa-se cada vez mais o aumento dos números de muçulmanos. E por outro lado, é importante frisar o meu lugar de fala, primeiramente sendo jovem pesquisador guineense e da religião muçulmana. Consequentemente, durante o meu percurso académico esta questão de expansão vem merecer uma especial atenção da minha parte.

A partir desse anseio e tomando em consideração a fraca bibliografia sobre a minha religião, minha posição enquanto muçulmano e com um pouco que da minha experiência sobre os princípios morais da base islâmica contribuirão na costura deste trabalho. A partir desta perspectiva surgiu a minha ansiedade de entender quais são os factores que influenciaram esta evolução da religião islâmica, partindo do aumento de número de fiéis

muçulmanos; construção das escolas corânicas e o aumento de mesquitas no país. Do mesmo modo, queremos compreender quais são as transformações sociais que o islamismo provocou no seio da sociedade guineense.

Enfim, espera-se que a pesquisa contribua positivamente para sociedade guineense, visto que, há pouca produção em torno dela. Assim, temos convicção de que, com o desenvolvimento desta pesquisa, obteremos muitas e relevantes informações acerca da penetração do islamismo na Guiné-Bissau. Em termos acadêmicos, o presente trabalho poderá instigar novos pesquisadores a continuarem com o mesmo tema.

5 HIPÓTESE

Provavelmente o crescimento da religião islâmica na Guiné-Bissau se explica por muitas variáveis como são o aumento do número de mesquitas, a proliferação das escolas corânicas e as influências das organizações não governamentais. Também não podemos deixar de salientar que a expansão do islão teve sempre algumas influências políticas desde época colonial até a data presente. No entanto houve um crescimento considerável da quantidade das mesquitas nas últimas décadas, sobretudo nas zonas que têm grandes influências da população não muçulmanos, com intuito de atrair mas pessoas. De acordo com Cardoso (2006) no final da época colonial (1974) se podia contar nos dedos de uma mão as mesquitas da capital onde se podia rezar às sextas-feiras, hoje elas são mais de duas dezenas.

Por conseguinte, as escolas corânicas tiveram um papel muito importante para difusão da religião islâmica na Guiné-Bissau. Como afirma Garcia (2008), as escolas corânicas foram muito importantes no processo de propagação e na preservação da cultura islâmica. Porém, o objectivo principal das escolas corânicas é integrar as pessoas nas sociedades islâmicas e difundir os valores do islão.

Por outro lado, as organizações não governamentais desempenharam uma função importante para a expansão do islão na Guiné. Essas organizações apoiaram financeiramente e tecnicamente nas reestruturações e organização das escolas corânicas, nas construções das mesquitas e também ajudaram a traduzir o corão na língua português. Portanto, a política colonial portuguesa influenciou de certa forma a expansão da religião islâmica na Guiné-Bissau, segundo Garcia (2008) a colonização facilitou o progresso da religião islâmica na Guiné-Bissau porque os chefes tradicionais islamizados tinham o maior prestígio por parte dos portugueses em relação os que não foram islamizados.

6 METODOLOGIA

O surgimento do conhecimento científico, ampliou a busca das informações, principalmente nas universidades, onde a indagação sobre qualquer fenômeno sempre é acompanhada das discussões no espaço acadêmico. Para responder a um questionário ou problemática proposto sobre um determinado fenômeno social existem, procedimentos metodológicos que devem ser seguidos. E para que qualquer teoria seja considerada científica, ela precisa necessariamente estar construída sobre um determinado método. Todo o conhecimento científico que o ser humano possui, tem um princípio fundamental que precisa ser comprovado antes que sobre ele cresça uma teoria científica. Daí surgiu a necessidade de uma metodologia por trás de toda pesquisa científica.

Neste sentido, a nossa pesquisa será feita com carácter exploratório e com base no levantamento bibliográfico através de artigos científicos, livros, dissertações e teses. Para fundamentar esta afirmação, dialogaremos com alguns autores que abordam sobre a temática do islão na Guiné-Bissau, como por exemplo: Carlos Cardoso (2006), Djibril Saico Baldé (2010) entre os outros. Na qual eles debruçaram sobretudo, da expansão do islão no país. Também durante seus estudos, apresentaram alguns dados que lhes facilitaram no estudo da temática, nesse sentido, esses dados nos permitirão compreender melhor quais as ideologias usadas para difundir o islão na África, e na Guiné-Bissau em especial.

De acordo com António Carlos Gil (2016), a pesquisa bibliográfica seria uma pesquisa de carácter analítica como pode observar:

é um tipo de pesquisa que é feita a partir de análises de matérias já desenvolvidas, e ela é feita principalmente através de livros, artigos científicos e teses. Avantejam da pesquisa bibliográfica baseia-se no fato que ela proporciona o investigador um conjunto de matérias muito grande em relação o que o investigador pesquisa directamente. De igual modo a pesquisa bibliográfica é muito importante para estudar o passado, porque para entendermos os fatos passados precisam de outros dados já existente. É aconselhado ter muitas cautelas com esses dados secundários ou fontes porque, muitas das vezes a coleta ou o processamento desses dados ou fontes são equivocadas (GIL, 2008, p. 50).

A partir desta perspectiva que o nosso trabalho vai dialogar e analisar como é que se deu a expansão da religião islâmica na Guiné-Bissau. No entanto vale salientar que, também não descartaremos as possibilidades de outros tipos de pesquisa. E por conseguinte, destacaremos a natureza exploratória. Como bem sustenta o Gil (2008, p. 50), que a pesquisa exploratória “é um tipo de pesquisa que pretende desenvolver, esclarecer e modificar um determinado conceito ou ideia, com objetivo de formular questões mais precisas ou

hipóteses pesquisáveis”, que vão facilitar estudos posteriores. Portanto, a pesquisa exploratória tem como finalidade de facultar ao pesquisador uma visão mais ampla sobre um determinado fato. Este tipo de pesquisa é feito normalmente quando o tema ou assunto investigado é pouco explorado.

Nesta senda, pretendemos realizar entrevistas semi-estruturadas com alguns líderes religiosos guineenses, e alguns velhos que conhecem a história de expansão de islão na Guiné-Bissau. A partir desses relatos e informações obtidas, desenvolveremos o nosso tema. Conforme Gil (2008), as entrevistas semi-estruturadas, são entrevistas que apresentam pouca estruturação. O entrevistador coloca suas perguntas e deixa os entrevistados/as vontades para responder de jeito que ele quer, e na ordem que ele achar melhor para responder. O entrevistador pode intervir quando o entrevistado/a estas fugindo da pergunta de uma forma a direcionar a entrevista.

De igual modo, a entrevista semi-estruturada vai ser muito útil para o desenvolvimento do nosso tema. Como é sabido na Guiné-Bissau, muitos praticantes da religião islâmica apresentam dificuldades ao abordarem com profundidade sobre a religião islâmica, as vezes isso acontece por pouco conhecimento que as pessoas têm sobre a religião islâmica. E por outro lado, essas pessoas têm dificuldades em distinguir a religião e práticas culturais locais. Nesse sentido a entrevista semi-estruturada será fundamental, na medida em que os entrevistados poderão explicar sobre a religião de um lado, e as culturas locais no outro.

A natureza da nossa pesquisa obedecerá aos estudos qualitativos que, como demonstra Richardson (1999), ao dizer que: metodologia qualitativa descreve a complexidade de um determinado assunto e analisa a interacção de certos variáveis, e também vai procurar entender e comparar os processos dinâmicos de um grupo social. No entanto, este tipo de metodologia nos permite fazer análises mais profundas em relação ao fenómeno que esta sendo estudado. Com isso, abordar um problema qualitativamente pode ser uma forma mais adequada para conhecer a natureza de um fenómeno social (RICHARDSON, 1999; *apud* Maury; Bueren, 2003, p. 91).

7 REFERENCIAL TEÓRICO

A palavra Islão vem do árabe que significa “submissão total à vontade de Deus”. E o islamismo é uma corrente religiosa que foi fundada pelo profeta Mohammad, em Meca no ano 610 depois do Cristo. A mesma religião é a última entre três grandes religiões monoteístas no

mundo, tendo surgido depois de judaísmo e cristianismo. É uma religião que se fundamenta na base monoteísta, caracterizada por acreditar em um Deus único (PIZZA, 1996; *apud* MATOS, 2009, p.445).

O Islão começou com os árabes e, é por isso, que ela se verifica fortemente ligada à cultura Árabe. Hoje em dia, muitas pessoas associam a religião com a cultura Árabe. Conforme Matos (2009, p.447), o islão é praticado por cerca de 15% da população mundial, islão é uma das religiões que têm mais seguidores no mundo. E ela é bastante difundida no continente africano e na Ásia, por isso, a maior parte dos seguidores dessa religião se encontra na África e na Ásia.

Por conseguinte, de acordo com Matos (2009, p.452), a religião islâmica pode ser resumida em três pontos fundamentais:

- 1- Acreditar em Allah (Deus) como único Deus e na revelação que o Allah (Deus) fez ao Mohammad;
- 2- Cumprir com os cinco pilares de islão fé que são: Shahada¹, Salat (oração), Jejum, zakat ou zacet (caridade), Hajj (peregrinação);
- 3- Relações interpessoais (Ética e política).

A chegada da religião islâmica no continente africano é muito debatida pelos estudiosos da matéria. Se verifica algumas contradições no que diz respeito a história de contacto dos árabes muçulmanos com os povos nativos africanos. Segundo Johns Batist Antonini (2011), a chegada dos muçulmanos em África se verifica de maneira forçada, razão pela qual, eles eram perseguidos pelos povo de Meca e as suas melhores opções eram de fuga para outros lugares do mundo. Neste contexto, os muçulmanos chegaram na África como fugitivos; isto aconteceu quando o profeta Mohammad lhes ordenou a partirem da cidade de Meca para procura de refúgio. Nesse sentido, eles atravessaram o mar vermelho e chegaram atual Etiópia e foram recebidos pelo rei Najashi.

Nesse contexto a África foi o primeiro lugar que recebeu os muçulmanos refugiados fora da península arábica. Por outro lado, El Fasi (2010) afirma que os primeiros muçulmanos que chegaram a África eram comerciantes de origem árabes. A maior parte comerciantes eram persas vindos de Leste e Oeste da arábia, a priori eles faziam trocas comerciais e depois começaram a islamizar os povos africanos. Com efeito, no século XI, a acção de islamização passou a ser feita por próprios povos africanos convertidos principalmente os Soninquês, Malinke, Fulbes, Kanembu e Haussás.

¹Shahada: testemunha que Allah (Deus) é o único criador e o Mohammad é o seu mensageiro.

Prosseguindo com a ideia de Antonini (2011, p. 3), depois da morte do profeta Mohamad os muçulmanos entraram novamente no continente africano não como refugiados, mas com o objetivo de comércio e de expandir a fé islâmica a partir 639 d.C. “As populações nômadas árabes muçulmanas deixaram a península arábica e chegaram ao território que hoje é Egito em seguida partiram para oeste na Líbia, Tunísia, Argélia e Marrocos” (ANTONINI, 2011, p. 3), poucos anos depois toda a região norte da África tornou-se muçulmanos.

Com efeito, em 647d.C., “os muçulmanos prosseguiram com o processo expansionista de islão no norte da África dirigido por um líder chamado Ibn Sad, natural do Egito” (COSTA, 2009, 4), organizados em um exército e marcharam até a cidade de Barka, atual Líbia, e converteram ao islão o povo dessa região. O mesmo exército avançou, porque havia pouca resistência por parte dos nativos da aquela região até eles chegarem ao sul de atual Tunísia. De igual forma, em 670d.C, o exército muçulmano construiu uma cidade islâmica chamada Kairuan que significa (lugar de descanso), esta cidade viria ser um lugar muito importante para a expansão de islão na região (COSTA, 2009, p.4).

Contudo, haviam alguns povos africanos que resistiam o processo de expansão de islão, não queriam deixar as suas práticas culturais em detrimento de islão. Como sustenta Costa (2009) em 681, um exército dos berberes nativos africanos liderado por uma lendária rainha poderosa sacerdotisa chamada Kahena ou Kahina pertencente ao povo Zanata invadiram o Kairuan fazendo com que o exército árabe a retorcer para a cidade de Borka. E depois alguns homens de exército berberes decidiram abraçar a religião islâmica, isso enfraqueceu um pouco a força de rainha Kahena.

A rainha persistiu a sua perseguição aos muçulmanos, em 689d.C, ela atacou Barka e massacraram e destruíram os árabes. No entanto, “os árabes lançaram uma grande ofensiva contra Kahena Zanata”(COSTA, 2009, p.6), eles conseguiram destruir exército berbere e a Kahena foi morta e a sua cabeça foi cortada e enviada para Egito como um troféu.

Figura 1 - Imagem de rainha sacerdotisa guerreira Kahina Zanatas.



Fonte: walterpassos@yhoo.com.br

A progressiva expansão do islão no interior do continente africano foi um processo lento e gradual que começou com a conquista dos árabes pelo Norte e seguiram as rotas comerciais das caravanas que atravessavam o deserto do Saara das terras do Mediterrâneo no Norte, para a savana sul. Conforme, Antonini (2011, p. 2), “uma nova caravana de nômadas árabes entraram no Egito em busca de pastagens para os seus camelos e para as suas cabras”. Para os governantes muçulmanos do Egito protegerem as suas terras cultivadas, lhes mandaram para a zona sul do seu país ao largo do rio Nilo. Contudo, a partir do século XI estes árabes nômadas conseguiram conquistar os povos daquela região e, em seguida eles destruíram os três reinos cristãos da Núbia (Nobáciaio, Macerai e Alódia) do atual Norte do Sudão, e fizeram do Islão a religião predominante daquela região.

Como explica Visentini (2012), que nos últimos séculos a religião muçulmana avançou muito e chegou ao território da atual Guiné-Bissau fazendo uma linha paralela ao sul do Senegal e parte centro da Nigéria e Tchad pelo vale do rio Nilo até centro do Sudão e também expandiu-se para o litoral do mar Vermelho e do oceano Índico, e até parte norte de Madagáscar.

Portanto todas essas interpretações sobre islão na África merecerão as nossas atenções, e nos ajudarão a aprofundar as nossas análises, mas é de salientar que o nosso foco é procurar entender como se deu esse processo na Guiné-Bissau.

Figura 2 - Representação de como eram feitos o percurso de propagação da religião islâmica no continente africano



Fonte: Gallery arabia exoticva

7.1 CHEGADA DO ISLAMISMO NA GUINÉ-BISSAU E A SUA EXPANSÃO

De acordo com a história, os povos africanos tinham as suas próprias visões do mundo e saberes. Hoje em dia, podemos perceber que as religiões mais praticadas no continente são vindas de Oriente e do Ocidente, neste sentido, estamos a referir as grandes religiões do mundo: islamismo e cristianismo. No entanto, o nosso enfoque privilegiará a chegada do islamismo no continente africano, em especial na Guiné-Bissau, e como foram difundidos os seus preceitos.

A penetração da religião islâmica na Guiné-Bissau veio na sequência de um longo processo evolutivo com as influências da população vindas de alguns países vizinhos, mas tudo indica que “emergiu-se a partir de grandes impérios como por exemplo império de Gana no século X, do império do Mali no século XII e o império de Songhai século XVI”. Com efeito, no apogeu do império de Mali que ocorreu a mandinguização ou islamização dos submetidos ao poder Mandinga (DJALO, 2012 *Apud* NANQUE, 2018, p.4).

Todavia, os primeiros Mandingas que se estabeleceram nos territórios da atual Guiné-Bissau no século XII à XV, tinham seus próprios cultos religiosos que praticavam nos bosques sagrados, venerando os *Djins* (divindades). Somente alguns chefes que haviam se convertido ao islão. Esses Mandingas ocupavam as terras que vão do rio Gâmbia, rio Corubal até Futa-Djalon, atual Guiné-Conakry. Alguns anos depois, todas essas terras vêm sendo

controladas pelos Fulas². O domínio Fula estendeu-se por uma área muito vasta que começou no Senegal até leste de Chade. Em síntese, o Koli e o seu filho adotivo Tenguela dois grandes lendas de tradições na história de Futa-Toro. “Eles partiram do Futa-Toro em direção ao Futa-Djalon pelo vale do rio Senegal atravessando o território de atual Guiné-Bissau, onde eles foram derrotados pelos Biafadas” (GARCIA, 2015, p. 5), que lhes forçaram a fundar um reino de fulas não muçulmanos.

Por conseguinte, a história nos mostra que havia poucos muçulmanos antes de chegada dos Fulas provenientes de Futa-Toro e Futa-Djalon na Guiné-Bissau. Com base nas literaturas obtidas percebe-se que, os Fulas foram um dos maiores difusores da religião islâmica no país. Este fato levou a muitos pensadores a afirmarem que os Fulas são primeiros povos muçulmanos a chegarem nos territórios de atual Guiné-Bissau, na realidade havia um pequeno número dos Mandingas muçulmanos antes da chegada dos Fulas, mas eles não tiveram um grande êxito no processo de islamização de outros povos nos territórios da atual Guiné-Bissau. Nesse sentido, Garcia (2005), ilustra que os Tocolores³ de Futa-Toro dominados por fulas não muçulmanos, no século XVIII, eles revoltaram-se contra o poder Fula e criaram uma federação teocrata sob o comando de um almami (líder religioso).

Os Tocolores começaram a expandir a religião islâmica onde eles converteram os Fulas e os jolofos. No mesmo século os povos islamizados se juntaram e começaram a islamizar outros povos, em suma, houve uma necessidade de unificar os dois futas (Toro e Djalon), por isso, os Fulas muçulmanos que residiam em futa-toro decidiram partir em direção ao sul, onde estavam os de futa-djalon para formar um poder único ou um Estado muçulmano potente. Nesta mesma senda, o povo de Futa-djalon criou uma política de diwalI (provincialização) ou seja, uma política de descentralização do seu reino.

A partir desta perspectiva o reino de futa-djalon foi dividido por nove diwal (províncias), e uma dessas províncias tutelava uma parte da atual Guiné-Bissau que é diwal de Labé. Garcia (2005), afirmar que, as fulas provenientes do diwal de Labé se uniram aos que estavam no reino de Kaabu e conseguiram criar uma força para revoltarem ao poder mandinga naquela época. E, a partir desta revolta os fulas saíram como vitoriosos na batalha (Turban) em 1867, e lhes empurraram para zona litoral do país, onde tinha um grande número dos povos que praticam religiões tradicionais africanas, isso, fez com que os povos da Guiné-Bissau se dividem em duas partes: primeiro consiste em que o povo de interior é majoritariamente

²Fulas são um espalhado pela África ocidental, mas também na África central e na África de norte. Os Fulas são um povo com maior comunidade de pastores nômadas na África.

³Tocolores é um grupo social que se encontra na África ocidental principalmente em Senegal, Mauritânia e Mali.

muçulmanos (Fulas e Mandingas), e povo de litoral que são praticantes das religiões tradicionais africanas.

Por fim, o que acabamos de descrever sobre a expansão islâmica na atual Guiné-Bissau, a partir do percurso expansionista dos povos Fulas é bastante debatido por pesquisadores nas academias. De um lado, têm os que alegam que, os Fulas Diniankes (muçulmanos) são provenientes da região de Senegâmbia e depois seguiram para o reino de Futa-Toro e por outro, eles seguiram em direção a Futa-Djalon, há ainda os que acreditam que a trajetória foi inversa a fim de enfrentar o povo de mandem, no Mali.

Figura 3 - Mapa do Futa-Toro e Futa-Djalon



Fonte: Public Domain view terms fele: Fula jihad States gerad c. 1830 pngcreatedJuli 2007.

7.2 OS PRIMEIROS POVOS ISLAMIZADOS NA GUINÉ-BISSAU

A Guiné-Bissau é um país composta por mais de 30 grupos sociais, mas quando se falam dos primeiros povos islamizados estamos referindo os Mandingas, os Fulas e os Biafadas. Isso não quer dizer que os outros povos não foram islamizados ou não há muçulmanos entre eles. Como é sabido que o maior número dos muçulmanos na Guiné se assenta nos povos acima citados. No entanto, a islamização desses povos na Guiné-Bissau historicamente adquire várias narrativas. Como podemos observar que o processo de islamização dos Fulas, Mandingas e os Biafadas ocorreu de maneira diferente. É nesse sentido que tentaremos entender como desencadeou esse processo no seio de cada povo.

Como discorremos no item anterior que os Fulas são um dos povos que teve grande influência na difusão de religião islâmica em toda África ocidental no século XVIII. Isso provocou várias mutações nas sociedades Fulas, mas também fez com que os Fulas deixassem as suas vidas nômadas e passaram a ser sedentário que vai resultar na fundação de Futa-

Djalón como um estado fula. Portanto a islamização dos fulas na Guiné-Bissau tiveram influências de outros fulas vindos de Futa-Djalón e Futa-Toro, no que tange a islamização desses povos provoca uma rachadura nos seus seios e resultante de grandes conflitos em 1868-1888 entre os Fulas-Rimbê e os Djiabê.

Os fulas depois de islamizarem a maior parte dos mandingas e os Biafadas de modo geral, houve um grande conflito interno sobre a liderança dos fulas nos territórios de Forroíá na Guiné-Bissau. No entanto, de acordo com o Carlos Cardoso (2006), no seio da sociedade fulas havia muitas divisões entre *fula-rimbê* (fulas livres ou não escravizados) e os *fulas djiabê* (fulas cativo ou escravizados). As rivalidades entre os fulas tinham começado antes de expansão fula, as guerras entre os fulas provocou vários conflitos que envolveram outros povos os mandingas, os Biafadas e os portugueses.

Os confrontos entre os fulas nas terras de forroíá (Sul de Guiné), isso levou muitos povos a deixarem as suas terras de origem para fugir a conversão ao islão e a dominação. Os fulas djiabê como eram maioritariamente não muçulmanos tinham que fugir. Eles atravessaram o rio Corubal e foram para as terras de Bulole, Badorra e Ganadú que compõem grande parte de território que é hoje região Bafatá, para evitar os confrontos.

Na Guiné-Bissau quando se fala da islamização dos Mandingas muitos associam isso com a chegada dos Fulas na atual Guiné-Bissau ou a revolta dos Fulas em 1867, mas na verdade os Mandingas tiveram os seus primeiros contactos com a religião islâmica a partir da sua ligação com o império de Mali, mas de uma forma limitada. Isso, quer dizer que havia poucos Mandingas muçulmanos, só ocorreu uma islamização em massa do povo Mandinga na Guiné a partir dos seus contactos com os fulas. Segundo Gonçalves (2003), em 1867, os fulas muçulmanos se revoltaram contra o poder dos mandingas no reino de Kaabu, e passaram a controlar o reino. E a partir desse momento é que vai começar a fulanização e a islamização em massa do povo mandinga na Guiné-Bissau. A fulanização e a islamização do povo mandinga traduz-se concretamente no plano religioso, os Mandingas deixaram de seguir a cofraria ou corrente islâmico *Quidaria*⁴ que eram seguidos por poucos Mandingas que haviam se convertidos ao islão antes, e eles passaram a seguir a corrente islâmico *Tidjania* que é seguido pelos Fulas, é por isso que algumas pessoas não muçulmanas dizem que os Mandingas são culturalmente híbridos afro-muçulmanos.

Enquanto a islamização dos Biafadas ocorreu na nos finais de século XIX. Segundo a história, a islamização dos Biafadas teve influência muito grande dos Mandingas. Isso

⁴Quidaria é um corrente islâmico fundado no século XI em Bagdad pelo Sidi Mohamad Abd Al Quer Al Djinani (GONSALVES, 2003, p.160).

aconteceu a partir dos contactos que os Biafadas tiveram com os Mandingas de Gã-camará provenientes de Manden no Mali.

De acordo com Abrantes(2011), Gã-Camará é uma família pertencente ao povo Mandinga, eles partiram de Mandem no Mali com o objetivo de expandir a fé islâmica, e encontrar um lugar propício para pastagem dos seus gados. No século XIX, os muçulmanos de Gã-Camara chegaram nos territórios da Guiné-Bissau em Carantaba, uma aldeia que fica perto de fronteiras entre Guiné-Bissau e Guiné-Conakri, “eles saíram de Carantaba para aldeia de Cuntima, e de Cuntima partiram para aldeia de Cubisseco pertencente ao povo Biafadas” (ABRANTES, 2011, p.60). Depois de alguns tempos, a família Gã-camara deixou o Cubisseco e mudaram para Catabina como eles tinham vacas pediram um espaço para construir as casas e outro para pastagem dos gados.

Os Biafadas eram povos que consumiam muito vinho, um homem de família de Gã-Camara chamado Mansanha ofereceu uma amadureza de milho aos Biafadas para fazerem vinho, com o objetivo de aumento do espaço de pastagem dos gados. E passado alguns tempos a família Gã-Camará como eram muçulmanos faziam as suas orações diárias, os Biafadas começaram ficar chateados com as orações que esses muçulmanos realizavam. Os Biafadas diziam que os muçulmanos fazem muitos barulhos e não deixavam eles dormirem sossegados. Assim o Gã-Camará foi para uma mata chamada Bianga mas, eles não demoraram nessa mata porque as suas vacas comiam as lavouras dos Biafadas. Eles mudaram e fixaram em Fulacunda a partir desse momento que eles iniciaram expandir a religião islâmica sobretudo, para islamizar os Biafadas (ABRANTES, 2011, p. 61).

A família Gã-Camará teve grande dificuldade para implementar religião islâmica durante os seus percursos nas terras dos Biafadas como mostra a história, mas isso aconteceu devido aos seguintes factores: primeiro os Biafadas eram muito fiéis as suas culturas e eles bebiam o vinho, como sabemos essas práticas não se compactuam com a religião islâmica; e, o segundo factor a família Gã-Camará eram pastores, eles tinham muitas vacas e sempre havia conflitos entre Gã-Camará e os Biafadas, porque as vacas comiam as lavouras dos Biafadas. E para evitar esses conflitos a família Gã-Camará tinha que mudar-se constantemente sem atingirem os seus objetivos que era conseguir um espaço para a pastagem dos seus gados e expandir a fé islâmica.

7.3 EXPANSÃO ISLÂMICA NO TERRITÓRIO GUINEENSE

Na Guiné-Bissau, como em toda a África, o processo de expansão islâmica sempre teve fatores que impulsionaram a sua rápida propagação no seio da população africana. É necessário salientar que, a própria forma de organização social desses povos facilitaram de certo modo a penetração e integração da cultura islâmica no país, em relação às outras religiões, o exemplo disso, é o cristianismo na Guiné-Bissau. Como afirma Garcia(2008), na Guiné-Bissau a expansão de islão não foi regular nem uniforme. Por conseguinte, os números dos muçulmanos cresciam e desenvolvia-se para o litoral, assim a religião islâmica continuou a evoluir até as *campanhas de pacificação* de TeixeiraPinto⁵.

Segundo o Cardoso (2010), O processo de expansão de islão em diferentes partes de território Guineense teve três grandes influências que são: 1) o aumento de número das Mesquitas; 2) proliferação das escolas; 3) o crescimento das organizações não governamentais. Houve um crescimento considerável de número das mesquitas nas últimas décadas na Guiné-Bissau. Sobretudo, nas zonas onde têm grandes influências da população não muçulmana, com intuito de atrair mais pessoas para a religião islâmica.

os nossos interlocutores fizeram reparar que no final da época colonial (1974) se podia contar nos dedos de uma mão as mesquitas da capital onde se podia rezar às sextas feitas (Amdalai, Bairro de Ajuda e Cupelão de Baixo), hoje elas são mais de duas dezenas. Os totais de mesquitas actualmente existentes em Guiné-Bissau (incluindo aquelas onde não se reza as sextas feiras) aproximam-se de um milhar(CARDOSO, 2010, p.10).

Além disso, os financiamentos das organizações não-governamentais (ONG), nos últimos anos permitiram construções de várias mesquitas, principalmente nas zonas com menor influência da população muçulmana. Com isso, segundo Cardoso (2006) na principal ilha do Arquipélago dos Bijagós foi construída recentemente uma mesquita, que tem como almami (líder islâmico), uma pessoa pertencente ao povo fula. E a mesquita de Cumurá é um lugar habitado maioritariamente pelos Papeis tem como Almami (líder islâmico), uma pessoa pertencente ao povo Bijagó. Em Quinhamel, em plena terra dos papéis, o almami (líder islâmico) pertence os próprios Papeis. E a mesquita foi edificada a próxima da maior *baloba*⁶ da localidade. Reagindo a esta notória vaga de muçulmanização o balobeiro já

⁵Pacificação de Teixeira pinto é uma estratégia montada pelo pelos português de 1913 a 1915 com a base na violência e saques dos povos indígenas na Guiné-Bissau. Os objectivos dos portugueses era para destruir as estruturas sócias dos indígenas e exploração económica esses povos, a partir de cobrança dos impostos.

⁶Baloba segundo Augel (2008) um local sagrado dos povos que praticam as religiões tradicional, um onde as pessoas vão para consultar as venerações das suas divindades.

reclamou desde que os muçulmanos começaram a rezar nesta zona teria diminuído a sua clientela.

No outro lado, as organizações não-governamentais desempenharam funções importantes para a expansão do islão na Guiné, e essas organizações apoiaram financeiramente e tecnicamente nas reestruturações, organização das escolas corânicas e construções das mesquitas. Na Guiné-Bissau foi instalada uma agência muçulmana para África, que muito tem apostado na tradução e transcrição do alcorão para a língua portuguesa, Al-ANSAR uma ONG guineense, Associação de Apelo à Sensibilização Islâmica, Associação Islâmica para a Reinserção Social, são organizações que ajudam não só financeiramente a religião islâmica, também apresentaram alguns estudos sobre a religião islâmica na Guiné-Bissau. É de frisar que esses apoios são importantes mas, não conseguem atingir toda a população muçulmana (BALDE, 2010, p. 9).

No entanto, as escolas corânicas tiveram um papel importante para difusão da religião islâmica na Guiné-Bissau. Portanto, segundo Garcia (2008), as escolas corânicas foram muito importantes no processo de propagação e na preservação da cultura islâmica. Porém, o objetivo principal das escolas corânicas é de integrar as pessoas nas sociedades islâmicas e difundindo os valores islâmicos. Essas escolas até 1974, eram pouco eficientes porque não havia a programação das aulas e nem se quer os professores faziam as revisões dos conteúdos, as crianças só decorava algumas *suras* (capítulos) que lhes permitisse a fazer as suas orações.

As principais escolas corânicas na Guiné-Bissau, segundo Baldé (2010), estão na aldeia Canbore no sector de Pitche, Saucunda e Sonaco na região de Gabú; na região de Bafatá Cuntima, Bidjine, Djabicunda e Djanná. Gã Turendim no sector de Buba, Madina no sector Fulacunda, Caur de Baixo e Faracunda no sector de Empada na região de Quinára. Na região de Tombali podemos destacar dois centros de Darulhudá e do Quebo. Nessas escolas os Talibés⁷ (alunos) não só aprendem ler e a escrever, mas também falam o árabe (JAO *et al.*, 2006, *Apud* BALDE 2010, p. 9).⁸

Os dados, nos mostram os números e as percentagens dos alunos, em cada região. Assim, a região de Bafatá com 7.697 alunos, ou seja cerca 33,7% do total é mais representativa seguem-se as regiões de Gabú com 4689 alunos (20,5%), região de Quinara com 4125 (18,1%), Bissau que é capital tem (14,3%) de alunos e finalmente região de Tombali com 3062 (13,4%) do total (BALDE, 2010, p.11).

⁷Talibés é uma palavra que vem do árabe (Talib) que significa aluno ou discípulo.

Figura 4 - Mapa de Guiné-Bissau

Fonte: Angola, compilado, CPLP, Guiné-Bissau, mundo Portugal; publicado 17 de Novembro de 2011.

A expansão de islão sempre teve as influências políticas desde primórdios da sua implementação no mundo. Contudo, na Guiné-Bissau a política colonial portuguesa influenciou de certa forma a expansão da religião islâmica no país. Segundo Garcia (2008), a colonização facilitou o progresso da religião islâmica no país, os chefes tradicionais muçulmanos tinham o maior prestígio por parte dos portugueses em relação aos que não eram islamizados. A ação dos portugueses permitiu que fossem islamizados no meio século número de indígenas superou aos que converteram ao cristianismo durante cinco séculos. Isso aconteceu porque os muçulmanos apresentavam uma estrutura social que adaptava mais facilmente as ideologias dos portugueses.

8 OS PRINCIPAIS CORRENTES ISLAMICAS EXISTENTES NA GUINE-BISSAU

Conforme a história depois de morte de profeta Mohammad, os muçulmanos divergiram sobre quem deveria liderar a comunidade muçulmana. Essa ruptura no seio da comunidade islâmica influenciou o surgimento de várias correntes islâmicas no mundo. Na Guiné-Bissau como em toda a África negra existe várias correntes islâmicas que pregam diferentes ensinamentos. No entanto, os principais correntes islâmicos na Guiné-Bissau são: Tidjania, Sunitas, Sítas e Hamadia.

Tidjania é um corrente islâmico que foi fundado em 1.781, na cidade Ceayn Mahdi, Marrocos por Ahmad Bem Mutar Altijâni que declarou que Mohammad lhe tinha aparecido e ordenado criar uma nova corrente. Esta corrente expandiu-se rapidamente na África de Norte

e Ocidental. A Tidjania segundo a história foi um corrente islâmico que conseguiu adaptar facilmente as culturas africanas em relação aos outros correntes islâmicos.

De igual modo, s. segundo Garcia (2002), a Tijania possui uma notória maleabilidade proselitista, servida por normas e rituais simplificadas. Os primeiros centros da Tidjania na Guiné-Bissau são: Quebo, Ingore e Cambor, abrangendo os Fulas e estendeu-se aos Saracules e depois Biafadas e Nalú Apesar de simplicidade que caracterizava a Tidjania para os povos africanos mas, na Guiné-Bissau ele beneficiou do poder do povo Fula (Garcia, 2002, p. 79). Os seguidores deste corrente se juntam depois de oração de madrugada (Fajr) e a noite depois de oração feita ao por de sol (Maghrib) para fazerem as suas súplicas pedindo a Allah.

Por outro lado, a palavra Sunitas deriva de palavra *sunna* que significa orientações de profeta Mohammad. No entanto, de acordo com Minezes (2014), Os sunitas é um corrente islâmico que representa cerca 90% de toda a população muçulmana no mundo, é um corrente que fundamentam as suas regras no Corão (livro sagrado dos muçulmanos) e no *hadith* do profeta Moahmmhad e no consenso de comunidade.

Shítas ou sísmo é um corrente islâmico que surgiu no século VIII através de uma luta pela sucessão do profeta Mohammad depois da sua morte. Segundo Minezes (2014), Os shítas não só separaram aos outros muçulmanos mas, também rejeitaram as normas impostas pela comunidade e implementaram outros ensinamentos que segundo a qual havia em cada ano um almami que Deus confiava a missão de guiar a humanidade. O primeiro desses Almami teria sido o Ali. Os shítas acreditam que mesmo quando o Ali desapareceu nesse mundo, ele continuará desempenhar as suas funções como Almami numa forma invisível. Eles acreditam que um dia o Allah (Deus) enviará o Ali para restabelecer a paz no mundo.

Figura 5 - Imagem de Única Mesquita dos Shitas na Guiné-Bissau localizada na região de Bafatá



Fonte: Sulemane Balde

Ahmadia é um corrente islâmico fundado por um missionário Indiano de origem Paguistanes chamado Ahmad Qadiyni em 1889. Ele afirmou que tinha recebido as revelações divinas, na verdade Ahmadia é um corrente islâmico inovador que mistura os elementos cristãos, judaico e hindús sobre uma base islamico MONTEIL, 2016, p. 22). Os seguidores deste corrente islâmico não aceitam o Mohammad como mensageiro de Allah (Deus), como sustenta a maior parte dos muçulmanos. Eles reconhecem Ahmad o fundador de Hamadia como o último e verdadeiro profeta de Allah (Deus). Hamadia chegou na Guiné-Bissau em 2003, alguns meses depois eles foram expulsos do país pelo ex-presidente Kumba Yala. A justificativa de presidente a expulsar Hamadia era para evitar o conflito no seio de comunidade muçulmana, porque eles eram vistos como não muçulmanos, e alguns chefes religiosos afirmavam que a Ahmadia foi para Guiné a sabotar os muçulmanos. É para salientar nos últimos anos a Ahmadia voltou para Guiné com pouca influência.

9 CRONOGRAMA

Actividades	2019/2020		2020/ 2021		2021/2022	
	1º Semestre	2º Semestre	1º Semestre	2º Semestre	1º Semestre	2º Semestre
Reuniões de trabalho	X					
Coleta de bibliografias		X				
Leitura direccionada			X	X		
Início de desenvolvimento do trabalho					X	
Trabalho de campo					X	
Envio do trabalho para revisão					X	X
Entrega de resumo da monografia						X
Apresentação do trabalho						X

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, de Bivar Almeida Portugal Manuel. **«Chãos dos Biafadas» - memória, território e posse de terra em Quinara sul da Guiné-Bissau**; Lisboa: departamento de ciências sócias, (2011).
- ALI-KOOR, Musse Abdisaid. **Extremismo islâmico na África ocidental**. (2016).
- ANTONINI, Batist John. **O islão na África: expansão e sincretismo**; Revista alem mar, Disponível em: wwa.lem-mar.org acesso em: (2012).
- BALDE, Djibiril Saico. **Da exclusão a auto-exclusão da população muçulmana no sistema educativo guineense**. INEP, Bissau, 2010.
- CARDOSO, Carlos. **As tendências actuais do islão**. INEP, Guiné-Bissau, (2006).
- DIAS, Costa Eduardo. **Da escola corânica tradicional à escola árabe: um simples aumento de qualificação do ensino muçulmano na Senegâmbia**; publicado em cadernos de estudos africanos, 2001.
- EL FASI, Ahmad Ibn Idris. **África do século VII ao XI**. (2010).
- GARCIA, Proença Francisco. **Movimentos independentistas, o islão e o poder português na Guiné-Bissau 1963-1974**; Lisboa. Editora coleção ponte velha, (2008).
- GARCIA, Proença Francisco. **O islão na África subsariana. Guiné-Bissau e Moçambique, uma análise comparativa**. Lisboa: Editora Departamento de economia e ciências sócias. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/321137324> Acessado em: 11 Dezembro (2005).
- GARCIA, Proença, Francisco. **O islão as confrarias e o poder na Guiné-Bissau 1963-1974** (2002).
- GIL Carlos António. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: editora Atlas, 2016.
- GONÇALVES, Custodio António. **Islão na África subsariana; actas do 60 Colóquio Internacional Estados, Poderes e Identidades na África Subsariana**. Porto: Editora Centro de estudos africanos de universidade de Porto, (2003).
- JAO, Mamadú *et al.* **Estudos sobre escolas corânicas madrassas e crianças talibés (Guiné-Bissau)**. Lisboa: (2006).
- LOPES, Carlos. **Resistências africanas ao controle do território. Alguns casos na costa da Guiné no século XIX**. Lisboa: (1988).
- MATOS, Keila. **Contextualização histórica, sociocultural e religião do islamismo**. Goiania: Editora, V.19, N.5/6, (2009).

MINEZES, Ibiapina de Carmo do Maria. **O islão na África.** São Paulo: Publicado por Secretaria de Relações Internacionais de Partido de Trabalhadores (2010/2014).

MONTEIL, Visent. **O islão na África negra;** disponível em periódicos. UFBA <http://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/viewfile/20349/1289>, (2016).

NANGURÃ, Albino. **Perspectiva histórica das campanhas de JoãoTeixeira Pinto e Abdul Indjai (1911-1915) na Guiné; Lisboa: ISCTE-IUL,** (2014).

RAUPP, Maury; Ilse, Maria Bueren. **Metodologia da pesquisa aplicável as ciências**

RODRIGUES, Sarmiento Almirante. **O islão na Guiné Portuguesa:** Lisboa. (1959).

SILVA, Da Ozaí António. **O Monoteísmo islâmico.** Miringá: Editora revista espaço acemico Nº115, Dezembro de 2010. socias. (2003).

VISENTINI Paulo Fagundes, RIBEIRO Teixeira Luiz, PEREIRA Danilevicz Analúcia. **História da África e dos africanos. São Paulo:** Editora vozes limitada, (2012).